



cultura & informação
A REVISTA DO SABIN

2º trimestre letivo 2021 – ano XXVII – nº 79

O virtual veio para ficar

Novo ambiente virtual visa à promoção do aprendizado, mesmo depois que a pandemia passar.

Há cerca de um ano e meio, quando teve de fechar os portões, no início da pandemia, o Colégio Albert Sabin deparou-se com um cenário de diversas dúvidas, mas algumas firmes certezas.

Uma delas foi a de que o ensino presencial continuaria sendo a melhor forma de educar crianças e adolescentes e deveria ser retomado o mais cedo possível. Outra certeza, contudo, foi a de que as tecnologias de ensino remoto que passaram a ser adotadas traziam consigo um grande potencial de práticas pedagógicas inovadoras e benefícios ao aprendizado, o que justificaria sua utilização mesmo depois que todos voltassem a frequentar a escola, como recurso complementar às aulas presenciais.

Eu ainda não fazia parte da equipe do Sabin, mas posso estimar o tamanho do desafio de implementar, em poucos dias, as soluções que garantiriam a continuidade do aprendizado dos alunos, e admiro o sucesso do projeto. O *Microsoft Teams* já era uma ferramenta de colaboração *on-line* utilizada por alguns professores, e fazia sentido adotá-lo como ambiente virtual de aprendizagem (AVA) para todas as turmas, suprimindo, assim, as principais necessidades dos professores naquele primeiro ano da pandemia.

Há alguns meses, no entanto, o Sabin entendeu que era a hora de dar um novo passo e aprimorar ainda mais essa ferramenta de aprendizagem remota, que, acreditamos, veio para ficar.

Para isso fui contratada, em maio, como gerente de Tecnologia da Informação (TI), com a missão de implementar o novo AVA

do Sabin, que estreia agora, em setembro, após uma bem-sucedida experiência-piloto com alunos do Módulo Preparatório para Olimpíadas Acadêmicas.

A nova plataforma atende às demandas que buscávamos em um AVA – incluindo algumas a que o *Teams*, por não ser projetado especificamente para o contexto educacional, não atendia –, reunindo, em um só lugar de navegação fácil, amigável e mais com “a nossa cara”, praticamente todos os recursos e informações necessários para o aluno: disciplinas, calendário de aulas, lista de tarefas, leituras e referências de estudo, entre outros itens. Mesmo as avaliações, que antes eram feitas no *Microsoft Forms* – outra ferramenta não pensada para o contexto escolar –, agora serão realizadas no próprio AVA, sem que o aluno precise alternar entre várias janelas e aplicativos durante sua experiência remota. A maior exceção fica por conta do *Zoom*, cujas qualidade e aceitação pela comunidade nos convenceram a mantê-lo para a transmissão das aulas *on-line*.

Nossa ideia: o novo AVA tinha de ser tão simples e ao mesmo tempo tão completo que utilizá-lo não se tornasse um elemento distrator, mas sim promotor do aprendizado. Em nossa visão, a plataforma não será necessária apenas enquanto persistirem as restrições sanitárias, mas continuará sendo um valioso recurso pedagógico, que complementa o ensino presencial, ajudando a fomentar, nos alunos, competências alinhadas a demandas contemporâneas, como a autonomia e a organização nos estudos, a capacidade de colaboração, a cultura digital, entre outras.



Priscila Hilarião
Gerente de TI
philario@albertsabin.com.br



Escolhas individuais e consciência de grupo

Revista do Sabin, 2º trimestre letivo 2021 ano XXVII – nº 79

Alunos da capa:
Felipe Gabriel Alves, da 1ª série E do Médio, e Maria Eduarda Domingues, da 1ª A.

4+5



+ Conversa Paralela

Ester Sabino fala sobre os desafios e a paixão de fazer ciência no Brasil

6+7



+ AB Sabin

AB Sabin se renova para promover uma Educação Infantil mais contemporânea

8+9



+ Ensino Fundamental I

Alunos debatem e definem regras de convivência no ambiente virtual

10+11



+ Ensino Fundamental II

Trabalhos em grupo ajudam a criar uma cultura de colaboração no Sabin

12+13



+ Ensino Médio

O novo Ensino Médio e a liberdade de escolher a própria jornada formativa

14



+ Idiomas

Ex-alunos falam sobre a experiência de estudar fora do Brasil

15



+ Esportes&Cultura

Curso de criação de *games* motiva alunos de Programação e Robótica

16+17



+ DataSabin

O Sabin em números

18+19



+ Livre Expressão

Reflexões sobre o feminismo em artigo, crônica, poema e cartum

20



+ Encantamento

Patrícia Martins, a profissional do Marketing que mobiliza solidariedade

EXPEDIENTE A Revista do Sabin é um órgão de comunicação dos colégios Albert Sabin e AB Sabin.

Colégio Albert Sabin. Av. Darcy Reis, 1.901, Parque dos Príncipes, São Paulo/SP – (11) 3712.0713 – www.albertsabin.com.br – **Colégio AB Sabin.** Av. Martin Luther King, 2.266/2.280, São Francisco, São Paulo/SP – (11) 3716.5666 – www.absabin.com.br – **Mantenedores:** Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção pedagógica:** Giselle Magnossão (Albert Sabin), Sílvia Adrião (AB Sabin) **Direção administrativa:** Fernando A. Mello **Marketing:** Adriana Vaccari **Colaboradores:** Aurea Bazzi, Cláudio Pinheiro, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, Paulo Rogério Vieira, Sílvia Adrião **Projeto e coordenação editorial:** Bandeira 2 Comunicação Ltda. **Jornalista responsável:** Alexandre Bandeira (MTB 0049431/SP) **Designer:** Giovanna Angerami **Ilustrador convidado:** Christiano Mascaro (págs. 10 e 11) **Textos:** Alexandre Bandeira, Gerson Sintoni (pág. 20) **Fotografias:** Rodrigo Jacob **Revisão:** Adriana Duarte, Denise Masson **Distribuição gratuita. 2º trimestre letivo 2021.**



Ester Sabino,
médica e imunologista

O mais próximo da verdade

Responsável pelo sequenciamento genético do coronavírus no País fala dos desafios e da paixão de fazer ciência no Brasil.

O NOME DA MÉDICA E IMUNOLOGISTA PAULISTANA **ESTER SABINO**, 61, TORNOU-SE CONHECIDO DE GRANDE PARTE DOS BRASILEIROS NO INÍCIO DO ANO PASSADO. MAIS PRECISAMENTE, NA SEXTA-FEIRA, 28 DE FEVEREIRO, QUANDO, APENAS 48 HORAS APÓS CONFIRMADO O PRIMEIRO CASO DE COVID-19 NO BRASIL, PESQUISADORES DO INSTITUTO DE MEDICINA TROPICAL DA USP (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO) E DO INSTITUTO ADOLFO LUTZ, LIDERADOS POR ESTER, PUBLICARAM O GENOMA COMPLETO DO VÍRUS – PASSO FUNDAMENTAL PARA O RASTREAMENTO EPIDEMIOLÓGICO DA DOENÇA NO PAÍS E PARA AS PESQUISAS SOBRE TESTES E VACINAS QUE SE SEGUIRAM A PARTIR DALI. DEVIDAMENTE CELEBRADA DESDE ENTÃO, HÁ ALGUNS MESES ESTER MERECEU NOVA HONRARIA, TENDO SEU NOME SE TORNADO, ELE PRÓPRIO, SINÔNIMO DE MÉRITO CIENTÍFICO. EM MARÇO, A ACADEMIA DE CIÊNCIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO LANÇOU O **PRÊMIO ESTER SABINO PARA MULHERES CIENTISTAS DO ESTADO DE SÃO PAULO**, QUE PASSARÁ A SER OUTORGADO ANUALMENTE, SEMPRE NO DIA 11 DE FEVEREIRO (DIA INTERNACIONAL DAS MULHERES E MENINAS NA CIÊNCIA). É MAIS UM MOTIVO PARA OUVI-LA FALAR SOBRE A IMPORTÂNCIA DA CIÊNCIA E SOBRE COMO É SER CIENTISTA NO BRASIL, HOJE, ENTRE OUTROS ASSUNTOS TRATADOS NESTA ENTREVISTA.

Dra. Ester, qual a sua definição de Ciência?

Para mim, Ciência é um método para você tentar entender a realidade. Ao entendê-la, você consegue desenvolver ferramentas para mudar o que você encontra.

Há espaço para divergências na Ciência?

Sim, o cerne da Ciência é você ter divergências. Usando métodos corretos, as pessoas podem, em determinados momentos, chegar a conclusões diferentes. Isso não implica que estejam erradas; implica que você precisa entender por que, testando uma hipótese de um jeito ou de outro, chegou-se a conclusões opostas. Normalmente, quando acontecem divergências, você acaba aprendendo mais e descobrindo outras coisas que não tinha conseguido pensar inicialmente, que não faziam parte das suas hipóteses.

Do ponto de vista do público, como distinguir entre divergências legítimas e negacionismos?

Realmente é muito difícil. Essa transferência do que é Ciência para a população não é simples, principalmente quando a população não foi propriamente educada. Então, fica muito fácil dizer: “Um falou isso, [mas] outro falou aquilo”. É uma área nova, importante, a comunicação de ciência. [No Brasil] estamos caminhando muito pouco ainda na divulgação científica, que não se fazia muito no País – agora se faz um pouco mais. Nos EUA e na Europa, é quase uma especialização profissional de jornalistas. Precisamos de mais gente treinada na área, que consiga entender o que o cientista está falando e traduzir de uma forma simplificada.

Qual sua opinião sobre o nível de educação científica proporcionado pelas escolas brasileiras?

O maior problema do Brasil é a educação geral. Melhorando a Educação, você consegue explicar melhor a Ciência para a população. Agora, a educação científica tem de levar a pessoa a pensar mais na prática científica. Tem de ensinar a fazer perguntas e a pensar: “Como é que eu respondo a essas perguntas?” Não é só passar o dado certo: “Olha, é assim que funciona a célula”. Não! É: “Como as pessoas sabem que a célula funciona dessa forma?” Ou: “Como as pessoas descobriram que o DNA se replica dessa forma?” É importante passar para os alunos esse conceito. Como se sabe? Como as pessoas que estão falando isso descobriram isso? Acho que isso é muito importante.

Para além do combate à pandemia, qual a importância da produção científica brasileira no nosso cotidiano?

Em vários aspectos, a Ciência ajudou no combate à epidemia, resolvendo pequenos problemas. Em tudo, você tem Ciência. Por exemplo: quantas vezes você pode reutilizar uma máscara? Isso foi muito importante no começo da epidemia, porque faltavam máscaras nos hospitais, e você tinha de saber como reesterilizar, por quanto tempo serviam... Todas essas definições parecem bobas, mas são superimportantes num momento de epidemia, para você tomar as melhores decisões. Então, foram pequenas coisas em todos os lugares em que a Ciência de certa forma ajudou.

Para nossos alunos e alunas que pensam em seguir carreira acadêmica e de pesquisa: como é fazer Ciência no Brasil hoje?

A Ciência é muito ligada à paixão. Não é fácil fazer Ciência no Brasil, principalmente se você escolher isso como sua carreira. O que não quer dizer que não seja interessante você fazer formações nesse sentido, porque elas ajudam em qualquer profissão que você siga. Então, acho que vale a pena pensar com carinho. E também pode ser que isso mude com o tempo, e a gente consiga fazer com que a pesquisa no Brasil seja bem recompensada financeiramente.

Na sua opinião, o que leva alguém a querer viver da Ciência?

O principal é a pessoa querer chegar o mais próximo da verdade. Eu acho que esse é o valor que [motiva] as pessoas da Ciência. O tempo inteiro elas estão pensando se estão certas, reverendo todos os métodos; e estão abertas a novidades, a alguma coisa que vá contra o seu pensamento, porque quase nunca a gente está certo num primeiro momento, quando propõe uma hipótese. É muito importante que o cientista seja uma pessoa de mente aberta, que possa aceitar contradições, e também que seja determinada em buscar soluções para problemas.

Para finalizar, considerando o valor que o desconhecido tem para a Ciência: Dra. Ester, na sua área de pesquisa, o que a Sra. ainda não sabe e gostaria de saber?

Eu fiquei conhecida pela Covid, mas trabalho com a Doença de Chagas, e gostaria muito de poder descobrir novos métodos de tratar esses pacientes, que precisam muito da Ciência para melhorar sua condição de vida.



Aqui se vive a infância

Equipe do AB Sabin vem repensando recursos, práticas e a própria visão do que a Educação Infantil pode ser.

Era algo que famílias mais atentas já sabiam, em maior ou menor grau, mas agora, no mundo pós-pandemia, restou inquestionável: escolas de Educação Infantil têm papel bem mais relevante do que ser “apenas” o lugar onde deixar a criança para brincar e socializar com outras de sua idade.

Tendo convivido com os filhos e os observado quase o dia inteiro, por mais de um ano, pais e mães de alunos da Educação Infantil perceberam, talvez como nunca antes, que há muito mais por trás dos primeiros anos de vida escolar da criança do que o olho vê. Que, na escola, uma brincadeira é sempre mais que uma brincadeira; que interagir com colegas é bem diferente de interagir com irmãos; e que até os melhores materiais pedagógicos precisam vir acompanhados de planejamento e mediação por profissionais qualificados na tarefa de educar.

“A pandemia consolidou de vez a clareza do valor da escola, que não é lugar para manter a criança ocupada, mas um espaço privilegiado do desenvolvimento infantil”, diz a diretora do AB Sabin, Sílvia Adrião, que vê, no cenário atual, a oportunidade para repensar não apenas práticas e recursos, mas também os próprios objetivos da Educação Infantil. “Voltar ao que era antes seria uma incoerência: a pandemia mudou as demandas das famílias, que passaram por perdas e reconfigurações, e acentuou as demandas das crianças por estar com o outro, por aprender junto e pelo contato com a natureza”.

Segundo a diretora, se as famílias hoje estão mais inclinadas a reavaliar o que querem da primeira escola dos

filhos, as escolas devem aproveitar o momento para ressaltar tudo o que a Educação Infantil pode ser. E é exatamente isso que o AB Sabin pretende fazer.

Não se trata de um movimento inteiramente novo no AB Sabin. “O Sabin sempre esteve atento às pesquisas e visões mais atualizadas sobre a Educação no mundo, e o AB Sabin, em particular, às referências específicas da Educação Infantil”, diz Sílvia.

Tal preocupação foi o que motivou, nos últimos anos, iniciativas como a contratação da assessoria Reconnecta, especializada em educação e sustentabilidade, que ajudou a enriquecer o trabalho com a horta e a composteira; a adoção de projetos focados em temas transversais de investigação (como folclore, viagens ou alimentação); ou mesmo a utilização crescente do bosque do AB Sabin para atividades diversas. São práticas que continuam válidas e até saem fortalecidas, num mundo em que a sustentabilidade se tornou compromisso inegociável; em que aprendizagens baseadas em projetos (ABPs) se mostraram uma abordagem bastante eficaz; e em que experiências ao ar livre, na natureza, são cada vez mais valorizadas.

Mas Sílvia e o restante da equipe esperam ir mais longe no processo de renovação do AB Sabin, acreditando que, mais do que implementar práticas inovadoras, a escola pode se tornar exemplo de um olhar mais contemporâneo sobre a Educação Infantil e a própria infância.

Por esse olhar, diz a diretora, a infância é uma etapa da vida rica em si mesma, e não apenas a fase em que

se “prepara a criança para o mundo” – como se as experiências mais importantes, inclusive escolares, viessem depois, e a Educação Infantil só existisse para servir de base para o Fundamental. Afinal, a infância já é estar no mundo, ativamente: a criança já investiga, testa hipóteses, erra e acerta, lida com vitórias e frustrações, relaciona-se, faz escolhas e descobertas.

“Essa visão nasce de um profundo respeito pela infância. É preciso buscar melhores referências para uma prática mais ativa e rica da Educação Infantil em si, ponto. O que vem depois é depois”, diz Sílvia. “Claro que, se a criança vive a infância com experiências enriquecedoras, com maior protagonismo, ela estará mais preparada, com um lastro de conhecimentos que poderá ativar ao longo da vida”.

Para a coordenadora pedagógica Suzy Vieira, o AB Sabin quer privilegiar uma aprendizagem menos estruturada em seqüências predefinidas e mais confiante no potencial de cada criança. Como exemplo prático, ela cita uma atividade recente do Pré II, com tintas: “A abordagem tradicional começaria pelas cores básicas, mostrando o amarelo, o azul e o vermelho naqueles tons uniformes; é a lógica de ensinar primeiro o simples e depois o complexo, que subestima a criança”, diz Suzy, notando que “o mundo não se apresenta em cores básicas”. Em vez disso, ela conta, os alunos ficaram livres para misturar tintas e descobrir diversos matizes possíveis. Temática semelhante foi explorada também pela turma do período integral, numa visita ao bosque do AB Sabin, em que fotografaram os vários tons de verde presentes na natureza.

Esse uso de fotos é outro exemplo prático da visão que o AB Sabin quer promover. Segundo Sílvia, se as crianças são autoras das próprias aprendizagens, a diversidade de registros do que cada uma aprende é fundamental: “Saem as fichas que os alunos têm de preencher, todos iguais, e entram fotos, desenhos, pinturas, até áudios com a voz das crianças”, diz a diretora. “Só uma documentação

pedagógica diferente da tradicional pode dar visibilidade às inúmeras descobertas que elas fazem”.

Vale ressaltar, porém, que protagonismo não quer dizer que a criança aprende sozinha. Em outra aula recente do Pré II, focada em habilidades de leitura, a intencionalidade e a supervisão da professora ainda eram necessárias – mas com uma abordagem que fez grande diferença.

“Montamos, no pátio, ‘estações de aprendizagem’, cada uma com recursos distintos: em um canto, havia uma cabaninha escura, gibis e lanternas; em outro, uma mesa de luz com letras móveis coloridas; em outro, um teatro de fantoche; em outro, uma mesa com lápis, canetas, bloquinhos”, conta a diretora, notando que a aula tinha temática e propósito claros – aproximar as crianças da linguagem escrita –, mas cada aluno estava livre para ir à estação que lhe despertasse a curiosidade.

Mais que casos isolados, atividades como essas têm relação com um processo de reposicionamento pelo qual o AB Sabin vem passando desde maio, que já resultou em profundos debates sobre como fazer a escola não apenas se alinhar a conceitos mais modernos da Educação Infantil, mas também se tornar, ela própria, produtora de novos estudos e pesquisas.

O processo inclui, ainda, a contratação de uma agência de *branding* que, nos próximos meses, ajudará a transmitir às famílias, à sociedade e à própria equipe, com maior clareza, a visão pela qual o AB Sabin quer ser reconhecido: a de uma escola especializada em Educação Infantil, que investe na qualidade de espaços e recursos materiais, da formação inicial e contínua da equipe e das relações humanas, para promover as mais ricas e diversificadas experiências de aprendizagem, à altura dos desejos e curiosidades dos alunos. Uma escola que valorize, ao mesmo tempo, a singularidade de cada aluno e a potência da pluralidade do grupo. Uma escola em que toda e cada criança viva a sua infância, em todo o seu imenso potencial.

Respeito real no mundo virtual

Dinâmicas do ensino remoto geram reflexões dos alunos sobre novas e velhas regras de convivência.

Afinal, assistir às aulas de pijama, pode ou não pode? E ouvindo música? Conversando com o colega? Brincando com o cachorro? Em outros tempos, questões como essas talvez nem gerassem discussão, mas, desde que a pandemia impôs a necessidade do ensino remoto, elas têm motivado reflexões entre professores e alunos, que tiveram de chegar a novos acordos – e reafirmar alguns antigos – para garantir a boa convivência e as condições de aprendizagem no ambiente digital.

Foi o que fizeram as turmas do 2º ao 5º ano do Sabin, em maio, durante a semana do Conecta S@bin, projeto que o Colégio realiza anualmente para promover o uso consciente das tecnologias digitais e da internet. Criado em 2017 como parte do planejamento de Filosofia do Fundamental I, neste ano o projeto contemplou atividades com alunos de todas as idades, da Educação Infantil ao Ensino Médio. A ampliação de escopo reflete o momento atual, em que a relevância dessas tecnologias, que já era enorme, ficou ainda maior.

No caso do Fundamental I, o tema explorado pelo projeto foi o da etiqueta digital, o conjunto de normas de conduta na internet que, mais que uma questão de bom-tom, tornaram-se essenciais para a própria

dinâmica das aulas *on-line* e, por consequência, para a qualidade do ensino.

“Com o ensino remoto, etiqueta digital não pode mais ser entendida como ‘perfumaria’”, diz Paulo Fontes, assessor de Tecnologias Educacionais do Sabin, notando que, quando a casa se torna parte da escola, no geral, são os combinados desta que devem prevalecer. “Para deixar isso mais claro, na semana do Conecta S@bin, montamos uma apresentação com a brincadeira do ‘like ou dislike’”. Na brincadeira, os alunos tinham de opinar sobre a adequação (*like*) ou inadequação (*dislike*) de alguns comportamentos, como comer durante as aulas *on-line* – mesmo que só um lanchinho –, assistir a elas ainda na cama, de pijama, ou deixar a câmera desligada o tempo inteiro.

“É importante notar que não usamos os termos ‘certo’ e ‘errado’, mas ‘adequado’ e ‘inadequado’”, diz a assessora de Filosofia Luciana Acorsi. A distinção evidencia que não se trata de impor valores morais, mas de evitar atitudes que possam prejudicar o real objetivo da escola: o aprendizado.

Segundo Luciana, a brincadeira foi o ponto de partida para que todos repensassem situações que vinham acontecendo desde o início da pandemia. “Por exemplo: o que um aluno deve fazer se tiver vontade de ir ao banheiro,



ou sentir sede e quiser buscar água na cozinha? Nosso combinado é que eles simplesmente saiam sem precisar pedir, para não atrapalhar a aula. Ou melhor ainda: que já comecem a aula preparados, tendo ido antes ao banheiro, ou trazido uma garrafinha de água para a mesa do computador”, diz a assessora.

Outros acordos firmados com os alunos: manter câmeras abertas – em respeito aos professores e para melhor interação do grupo – e microfones desligados, exceto na vez de cada um falar; evitar filtros de imagem ou fundos virtuais chamativos, para não distrair a atenção dos colegas; e escolher lugares calmos e silenciosos de suas casas para assistir às aulas.

No entanto, além dessas definições relativas à nova realidade do ensino remoto, a maioria dos combinados consistiu em regras já em vigor antes da pandemia, como cumprir horários, ter o material de cada disciplina organizado previamente, não conturbar a aula com conversas paralelas e evitar elementos distratores, como o celular, a TV, o som ou mesmo o bichinho de estimação. O que, no fundo, pode ter sido uma das lições mais importantes de todas: que, mesmo no mundo virtual, as responsabilidades de cada um e o respeito aos demais continuam valendo.

“O virtual é a extensão do real, não é uma terra sem lei. Para eles, isso é uma megadescoberta”, diz a assistente de Tecnologias Educacionais Rebeca Omelczuck. Segundo ela, no início, alguns alunos podem confundir a distância física e o fato de estarem atrás de uma tela e um teclado com a possibilidade de agir sem grandes consequências. Na maioria dos casos, porém, são “velhos problemas em novos ambientes”, como define Paulo Fontes, que revela que alguns conflitos que se viam na escola presencial passaram a ocorrer nas aulas *on-line* e caixas de *chat*.

Mas nada que não possa ser resolvido pelo diálogo. “Tivemos alguns atritos, mas também já percebemos resultados positivos. Os conflitos diminuem quando eles resgatam os combinados”, diz Luciana Acorsi.

“Já vi casos em que um grupo está usando o *chat* para conversas paralelas durante a aula e algum aluno intervém: ‘Poxa, pessoal, respeita a professora’. E eles param, entendem, pedem desculpa”, diz Karla Ramos, assessora de Língua Portuguesa. “Situações assim são importantes para promover as habilidades socioemocionais, e hoje o ambiente virtual também é palco para exercitá-las”.

Karla, aliás, ajudou a integrar as reflexões do Conecta S@bin a outras atividades curriculares dos alunos, como produções textuais que servirão para lembrar a todos dessas normas de etiqueta digital por muito tempo ainda. Em agosto, por exemplo, painéis nos corredores do Fundamental I do Sabin estamparam versos, paródias de canções, placas e poemas visuais sobre o tema, todos produzidos pelas turmas do 2º ao 5º ano antes das férias – alguns dos quais estão aqui, ilustrando esta matéria.



O valor do grupo

Prática de trabalhos em grupo ajuda a desenvolver habilidades socioemocionais e a criar uma cultura de colaboração.

A situação não é frequente, mas acontece. Com a melhor das intenções, um pai de aluno procura a coordenação da escola para argumentar que o filho pode tirar uma nota maior em certa disciplina se for dispensado do trabalho em grupo. Que, sozinho, ele entregará um projeto melhor do que se depender dos colegas.

Como coordenador do Fundamental II do Sabin, Cláudio Pinheiro já ouviu esse tipo de argumento algumas vezes. E, em todas elas, buscou explicar que o conteúdo da disciplina é apenas uma das razões pelas quais a escola promove trabalhos em grupo, cujas notas refletem não apenas o que cada aluno faz mas também o aprendizado de todos, ao cooperarem e construírem, juntos, novos saberes.

“No século XXI, essa será uma das habilidades essenciais para a vida futura do aluno, acadêmica e profissionalmente”, diz o coordenador.

Trata-se, melhor dizendo, de uma série de habilidades. Afinal, trabalhar em grupo requer expor as próprias ideias e ouvir as dos colegas, persuadir e fazer concessões, cobrar e receber cobranças, dividir tarefas e compartilhar responsabilidades. Situações que são vividas desde cedo na escola, mas que, segundo a orientadora educacional Elaine Ramos, são exercitadas com mais intensidade a partir do 6º ano.

“No Fundamental II, os trabalhos em grupo se tornam mais corriqueiros, porque, antes disso, a crian-

ça ainda depende da mediação de adultos para a maioria dos procedimentos escolares”, diz Elaine. Como explica a orientadora, nos primeiros anos do Fundamental, os alunos, em geral, ainda precisam que a professora os ajude a focar na aula, a anotar lições na agenda, a manter o caderno organizado e, nas atividades em dupla ou em grupo, a definir quem vai trabalhar com quem e o que cada um deve fazer. Por volta do 6º ano, porém, é esperado que eles comecem a tomar mais e mais decisões e atitudes por conta própria – incluindo a de escolher parceiros para projetos.

“Nesse momento, o maior desafio é fazê-los entender que os grupos mais colaborativos não são, necessariamente, aqueles formados por afinidade”, diz Elaine.

De fato, essa fase de consolidação da autonomia do estudante é também a fase da adolescência em que sua própria identidade está ligada ao círculo social de amigos com interesses compartilhados, como esportes, artistas e livros. Por isso, ao atribuir trabalhos escolares coletivos, é importante que a escola ajude a não confundir os dois tipos de grupo.

“Costumo dizer para os alunos: amigos, amigos; negócios à parte”, diz Gizele Gasparri, professora e assessora de Ciências do Fundamental II. Segundo Gizele, embora os alunos se tornem cada vez mais autônomos, ela ainda os supervisiona para garantir a formação de grupos com perfis e aptidões variados. “É preciso que o grupo

tenha membros que se complementem: extrovertidos com tímidos, criativos com metódicos”, diz a professora.

Além disso, nota Elaine, os trabalhos em grupo são um meio importante de “ensinar o aluno a lidar com a diversidade e de promover a empatia”. Não é um processo que transcorra sem conflitos, claro. Mas é deles que vem boa parte dos aprendizados.

“Se eu digo: ‘semana que vem, tragam para a aula algum material reciclável’, eu não preciso saber qual membro do grupo vai ficar responsável por isso. São eles que têm de se organizar”, diz a professora de História Mariana Soares, que dá aula para o 6º e o 7º anos.

Segundo Mariana, os alunos têm de aprender a se comunicar para garantir a eficiência do grupo, inclusive para evitar surpresas. “Se no dia marcado o grupo não entrega o trabalho completo, não adianta saber quem não fez sua parte. Era preciso que eles tivessem se comunicado antes”, diz a professora, que pode contribuir para mediar tais situações – desde que informada a tempo.

Mas a atuação de Mariana não se limita a resolver eventuais descompassos de organização. “Uma coisa que funciona muito bem para o aprendizado do trabalho em grupo é ensinar pelo exemplo. Nós, professores, quando propomos um projeto interdisciplinar, também somos uma equipe. E aí, por exemplo, se um grupo me pergunta se pode fazer um trabalho no Canva [plataforma de *design on-line*] em vez de no PowerPoint, eu digo: ‘Vou perguntar para meus colegas’. Para entenderem que eu não tomo as decisões sozinha. Ou se os alunos dizem que não conseguem se reunir, eu digo: ‘Sabe, nós, professores, temos um horário fixo toda segunda-feira, só para falar desse projeto’”.

Até que, nos 8º e 9º anos, o papel do professor como árbitro de divergências ou orientador de decisões vai se tornando menos necessário. “Eles já estão mais maduros

e práticos: planejam melhor a divisão de tarefas, comunicam-se mais, cobram uns aos outros e resolvem seus problemas sem grandes dificuldades”, diz o orientador Marcelo Amaral. Isto é, até a pandemia acontecer.

“O ensino remoto deixou nosso trabalho um pouco mais difícil”, admite Gizele Gasparri. Segundo ela, se, durante atividades presenciais em grupos, ela pode passar a vista pela sala de aula e antecipar alguma divergência ou perceber se um aluno está contribuindo menos com sua equipe, pelo Zoom seu controle é menor. “Posso entrar numa sala virtual e a discussão já estar acontecendo”, diz a professora, que também suspeita de certo cansaço de telas trazido pela pandemia. “Pode ser impressão, mas vi casos de grandes amigos discutindo por conta de trabalho nos últimos tempos”.

Em casa, além disso, situações como essas podem ser presenciadas por pais dos alunos, cuja reação pode influenciar, para o bem ou para o mal, as consequências. “É natural que a família tome as dores do filho e peça que ele troque de equipe ou faça o trabalho sozinho”, diz Elaine Ramos. “Mas isso faz parte do aprendizado. Nós somos preparados para ajudá-lo a lidar com esses conflitos, e vamos avaliar, caso a caso, o melhor a fazer”.

“Estamos construindo com esses alunos uma cultura de colaboração, que envolve enfrentar e resolver divergências”, diz Cláudio Pinheiro, ressaltando a importância de a escola continuar com os trabalhos em grupo, mesmo com as limitações do ensino remoto. “No geral, as famílias começaram receosas, mas terminamos recebendo muitos elogios por termos mantido essa prática”.



Os caminhos de cada um

Novo Ensino Médio do Sabin alia excelência acadêmica a novas oportunidades para o aluno construir a própria jornada.

Julia sonha em construir carreira no Jornalismo; especificamente, no Jornalismo científico.

Sempre teve facilidade com a escrita e as Ciências Humanas, mas tem interesses mais amplos, mantendo-se informada sobre temas como mudanças climáticas, genômica ou inteligência artificial. Miguel vai seguir os passos da mãe na Medicina, mas também herdou o talento do pai, ilustrador. Gosta de desenhar gráficos e imaginar novas formas de visualização dos dados de Saúde Pública com os quais sua mãe trabalha. Luana vai fazer Engenharia. É organizada, detalhista, planeja cada etapa de seus trabalhos escolares – e, nas horas livres, costuma escrever poemas.

Os sonhos de Julia, Miguel e Luana, como os de qualquer jovem de sua idade, não se encaixam na tradicional classificação de campos profissionais entre Humanas, Biológicas e Exatas. Os três são únicos, com projetos de vida e horizontes distintos, aos quais chegarão por diferentes caminhos. E, se nenhum projeto é igual a outro, a preparação para eles também não pode ser.

Essa é a lógica por trás de uma das maiores reformas recentes na Educação Brasileira, trazida pela Lei Federal nº 13.415, de 2017, que instituiu o novo Ensino Médio. Com a reforma, o Ensino Médio garante a todo estudante do País a mesma base de saberes – a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) –, mas também a cada um, individualmente, a chance de desenvolver interesses e aptidões pessoais, a partir de um currículo mais flexível.

Com uma carga horária ampliada, a ideia, em resumo, é que essas horas sejam divididas entre uma formação geral básica para todos, que contempla as disciplinas convencionais do Ensino Médio, e itinerários formativos, que os alunos poderão escolher entre as opções oferecidas por sua escola. Relacionados a uma (ou mais) de quatro grandes áreas do conhecimento – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Ciências da Natureza, Linguagens e Matemática –, os itinerários permitirão a cada aluno se aprofundar em assuntos mais alinhados a seu projeto de vida.

No Sabin, a reforma começa no ano que vem, com mudanças na 1ª série do Médio, que se estenderão às 2ª

e 3ª séries nos dois anos seguintes. Assim, os alunos que hoje estão no 9º ano do Fundamental serão os primeiros a cumprir essa etapa no novo formato. E o que eles encontrarão, afirma a coordenadora, Áurea Bazzi, não apenas atende à nova legislação como, mantendo a tradição do Sabin de oferecer uma formação de excelência e preparar o jovem para os desafios pessoais e profissionais de sua vida futura, vai muito além da letra da lei.

De fato, as escolas brasileiras oferecerão, a partir de 2022, um mínimo de 3.000 horas de aula ao longo dos três anos do ciclo, mas o Ensino Médio do Sabin terá 4.210 horas, além de todas as atividades extracurriculares – esportivas, culturais e acadêmicas – que o Colégio sempre ofereceu. “No contraturno das 1ª e 2ª séries, ainda teremos os Módulos Preparatórios para Olimpíadas Acadêmicas, o Programa Especial de Estudos, os Plantões de Dúvidas, as Oficinas de Produção de Texto e todo o Sabin+Esportes&Cultura”, diz Áurea.

Segundo a coordenadora, o novo Ensino Médio do Sabin já começa garantindo uma preparação bastante consistente em todas as disciplinas convencionais do ciclo – o que, independentemente dos planos do aluno, ainda será necessário para os vestibulares mais concorridos. “Nós teremos 1.800 horas dedicadas à BNCC, conforme previsto na lei, mas também uma parte dos itinerários formativos, comum a todos os alunos, que aprofunda esses conteúdos da base”.

Batizado de **Núcleo Sabin de Aprofundamento**, esse componente dos itinerários formativos será somado a quatro outros: um com **Disciplinas Específicas** ao itinerário escolhido pelo aluno; um com **Disciplinas Eletivas**, sobre temas diversos pelos quais o aluno poderá transitar livremente; uma disciplina na 1ª série voltada para a elaboração de um projeto com uma proposta **STEAM** (sigla em inglês que reúne os campos de Ciência, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática); e uma disciplina na 2ª série voltada para a elaboração de um projeto de **Iniciação Científica** (v. diagrama).

E é aqui que a liberdade de escolha do aluno realmente começa.

Concebidas em torno de quatro possíveis temas –

Ciência e Pesquisa; Matemática e Tecnologia; Múltiplas Linguagens; e Trajetórias Humanas –, as disciplinas específicas terão currículos semestrais. Se quiser, o aluno poderá seguir cursando as disciplinas do mesmo itinerário ao longo de dois anos (não haverá específicas na 3ª série) ou mudar de caminho no momento da rematrícula, sem grandes prejuízos pedagógicos.

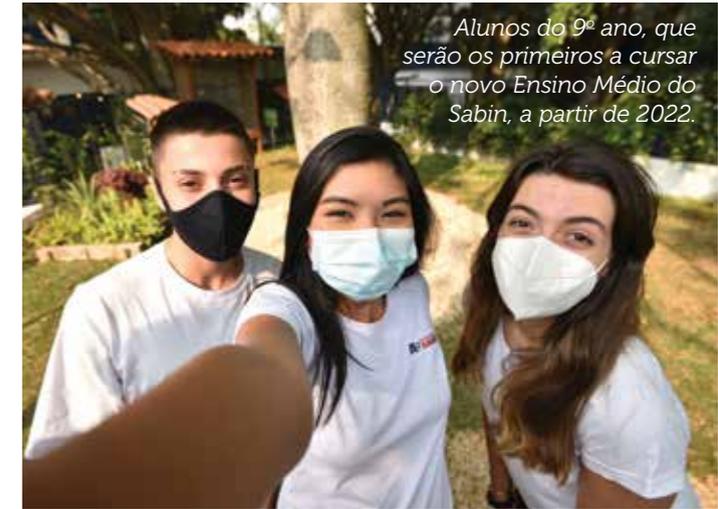
Segundo Áurea, o novo modelo ressalta, no Ensino Médio, o sentido de propósito pessoal do aluno. “Não se trata de antecipar uma decisão importante – a escolha da profissão – já para o 9º ano, mas de dar ao adolescente mais tempo para considerar, experimentar e aprimorar o seu projeto de vida”.

Essa perspectiva da experimentação fica ainda mais clara nos outros componentes dos itinerários, a começar pelas disciplinas eletivas, que também serão semestrais e que os alunos poderão cursar *independentemente do itinerário*. As eletivas abordarão tópicos diversos, da Biologia Marinha (que pode servir tanto a futuros oceanógrafos como a interessados no Jornalismo ambiental) à História do Futebol (para aspirantes a historiadores, sociólogos ou qualquer fã do esporte), passando por *Design de Games*, Educação Financeira, Física Moderna, entre outros.

Segundo Giselle Magnossão, diretora do Sabin, a autonomia dos alunos vai ser sentida também nos projetos STEAM da 1ª série, que, embora obrigatórios para todos, serão de tema livre. “Todo mundo vai fazer esses projetos, mas, numa turma do itinerário de Linguagens, por exemplo, o projeto de um grupo pode ser a montagem de um jornal; já no itinerário de Ciência e Pesquisa, podemos ter um sistema de consumo inteligente de energia elétrica”, diz a diretora. “O que todos terão em comum é uma aprendizagem mais prática, com foco mais atitudinal e procedimental, por envolver *design thinking*, capacidade de gestão, cooperação, resiliência e outras habilidades socioemocionais”.

Também de tema livre serão os projetos de iniciação científica da 2ª série. “Queremos desenvolver com eles a metodologia de pesquisa e o rigor científico na coleta de dados e na comunicação de resultados, competências que serão demandadas na sua vida acadêmica, sejam quais forem suas áreas de atuação”, diz Áurea.

“O novo Ensino Médio será como um caleidoscópio de possibilidades, que vai permitir a cada aluno construir um currículo realmente personalizado”, diz Giselle.



Alunos do 9º ano, que serão os primeiros a cursar o novo Ensino Médio do Sabin, a partir de 2022.



Do Sabin para o mundo

Ex-alunos falam da experiência de estudar fora do Brasil, opção que voltou a crescer entre as famílias.

Cibele Cozzo já sabia o que queria muito antes de se mudar para os Estados Unidos, para estudar moda.

Gunn Omosako, por outro lado, precisou ser convidado duas vezes até aceitar ser jogador de beisebol fora do Brasil. Em comum, os dois ex-alunos representam uma parcela crescente de jovens com interesse e perspectiva reais de estudar e seguir carreira no exterior. Um caminho que, após um ano de baixa, devido à pandemia, voltou a ser bastante procurado no Sabin.

“Em todo o ano de 2019, atendemos 10 famílias interessadas em mandar os filhos para intercâmbios ou graduações no exterior. Em 2020, com as fronteiras fechadas, só foram três. Mas, em 2021, a procura está quente: até agora já são 11 famílias”, disse, ainda em junho, a assessora do Departamento de Inglês Simone Magalhães.

Simone está à frente da Assessoria de Graduação no Exterior (AGE), serviço que o Sabin montou há dois anos para alunos que queiram estudar fora do Brasil. Ao lado da consultoria Daquiprafora, que orienta estudantes sobre faculdades, processos seletivos e condições de vida em outros países, a AGE ajuda na obtenção de documentos escolares, como boletins e cartas de recomendação.

Foi o caso de Cibele Cozzo. Concluinte do Sabin em 2019, ela teve o apoio da AGE na sua candidatura para o Fashion Institute of Design & Merchandising (FIDM), em Los Angeles, onde foi aprovada. “Na entrevista de seleção, eles citaram especificamente a carta de recomendação da Alex”, diz a jovem, referindo-se à professora de Inglês Alexandra Freitas.

Cibele ainda não está em Los Angeles – a pandemia adiou um pouco seus planos –, mas já mora há um ano e meio na Virgínia, para onde seus pais se mudaram em dezembro de 2019, devido a uma proposta de emprego. De lá, tem feito o curso remotamente, mas já teve bastante experiência com a cultura americana, trabalhando como intérprete em uma escola com muitas crianças brasileiras, em 2020, e agora como educadora ambiental em um aquário local. Deve se mudar de vez em outubro, quando o FIDM retomará as aulas presenciais.

Mostra-se preparada, tanto em relação ao idioma, do qual já obtivera o certificado CAE no Sabin, como em

relação ao curso, que descobriu ser bem exigente: “Cada matéria tem três horas de aula mais seis horas de lição por semana”. Nada que a faça desistir, porém, do sonho de criar figurinos para espetáculos cênicos, paixão nascida também no Sabin, onde fez Teatro, Balé e Coral.

Já Gunn Omosako não pensava em sair do País até ser convidado, duas vezes, pelo time de beisebol dos Seattle Mariners. Em 2017, ainda na 2ª série do Médio, devido à sua *performance* no clube Coopercotia, foi chamado, mas se ateve ao plano original: fazer Administração na FGV. Até que a oportunidade veio de novo, em 2018, e ele reavaliou que precisava agarrá-la.

Dividiu seu último ano de Sabin entre o Brasil e a República Dominicana, onde jogou pelos Mariners por cerca de um ano, antes de ser relocado para Phoenix, no Arizona, onde está até hoje – e não se arrepende. “Assinei contrato; além do salário, recebo bolsa de estudos e estou fazendo um curso *on-line* da Arizona State University, com *major* em Business Administration”, diz Gunn, que atribui ao Inglês e ao Espanhol do Sabin a base de tantas experiências culturais que tem vivido.



Gunn Omosako: do Sabin para o Seattle Mariners, time de beisebol americano.

Aprender é um jogo

Aulas de criação de *games* dão a alunos de Programação e Robótica motivação extra para o aprendizado.

Em uma sexta-feira de junho, a aluna Isabela Giraldo, do 6º ano, tinha uma lição de casa para entregar na semana seguinte: criar um videogame com personagens 3D que tivesse, no mínimo, três fases e uma *boss fight* (“luta com o chefe”) – um desafio final contra um inimigo de maior dificuldade. Para ajudá-la, o professor Miguel da Hora havia apresentado conceitos e ferramentas de desenvolvimento de *games*, mas nada perto de um manual passo a passo do que ela deveria fazer.

“Ele diz, tipo, ‘se vira’, e depois vai tirando dúvidas”, disse a menina, nada frustrada pela postura do professor. Pelo contrário: “Eu acho uma diversão! Mesmo no meu tempo livre eu gosto de criar e editar personagens”. O método de Miguel e o entusiasmo de Isabela dão uma boa medida do que se passa na turma especial do curso de Programação e Robótica, do Sabin+Esportes&Cultura.

Assim como as modalidades esportivas do programa têm seus grupos de treinamento para alunos com melhor desempenho, o Sabin oferece uma aula extra semanal aos alunos de Programação e Robótica mais comprometidos com o curso. E, em 2021, Miguel foi buscar nos *videogames* o atrativo para garantir a motivação dessa turma em alta.

“O trabalho começa com os fundamentos, que se dividem em *lore* [o enredo e o universo narrativo de um *game*], *design* [aparência e interface de personagens, cenários e objetos] e mecânica [funcionamento e regras]”, diz o professor, que, depois da introdução, apresenta as ferramentas de programação e *design* que serão usadas ao longo do curso. Até o fim do ano, ele planeja ver seus alunos, divididos em equipes, inscreverem jogos em plataformas *on-line* reais.

Como previsto, o tema agradou em cheio à turma. “É legal criar jogos, definir como seu personagem vai se comportar”, diz Nicolas Amazonas, do 9º ano. É o mesmo sentimento de Miguel Borges, do 7º, que descreve a alegria de “você ter uma folha em branco no começo, decidir como cada coisa vai funcionar e, no final, ver seu programa funcionando”.

O fato de Isabela, Nicolas e Miguel terem idades diferentes e assistirem às mesmas aulas, aliás, revela o quanto o foco da turma especial é o engajamento dos alunos. “Está todo mundo aprendendo junto. Não é questão de quem sabe mais, é de quem se esforça mais”, diz o jovem Miguel, ele próprio exemplo da proatividade buscada pelo professor. Em uma aula de Tinkercad (*software* de modelagem 3D) cujo desafio era a criação de um simples sorvete 3D, Miguel e sua equipe foram além e criaram toda uma sorveteria tridimensional, com atendente no balcão, fregueses na mesa e muito mais.

Mas mostrar iniciativa é apenas uma das atitudes e competências promovidas pelo curso, que, assim como as aulas regulares de Programação e Robótica, trabalha muito fortemente o raciocínio lógico, a inovação, a criatividade na resolução de problemas e a formação de equipes produtivas a partir de talentos complementares: “Tenho uma amiga que faz um *pixel art* bem básico, mas as histórias dela são muito legais!”, diz Isabela (ela própria uma craque no *pixel art*, segundo o colega Miguel).

“Além disso, eles vão testar seus produtos na vida real, como empresas mesmo”, diz o professor Miguel da Hora. “Isso envolve assumir função e responsabilidade de um cargo, trabalhar com prazos, saber cobrar e ser cobrado e ter a visão do todo, em busca de um mesmo objetivo”.



Os alunos Miguel Borges (7º ano) e Isabela Giraldo (6º ano) apresentam suas criações.

Saber cuidar de si

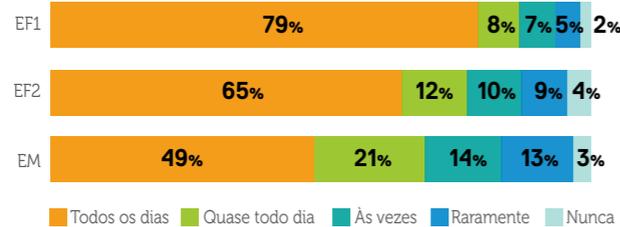
Alunos respondem a pesquisa sobre hábitos alimentares, exercícios e sono, fatores essenciais para a saúde integral.

Para uma boa qualidade de vida, alimentar-se bem é fator essencial, mas não o único.

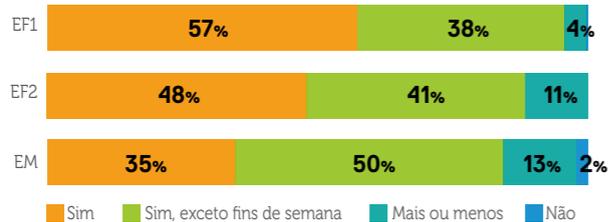
Manter uma regularidade de horários, para comer e para dormir, beber bastante água e praticar atividades físicas, entre outros hábitos recomendados por especialistas, são igualmente importantes para a preservação da saúde física

e mental – um objetivo nem sempre simples de alcançar. Nesta edição, fizemos uma pesquisa com alunos do Fundamental I ao Médio sobre esse tema e convidamos a nutricionista **Luciana Rosa Porta** e a enfermeira **Ana Paula Cravero**, responsáveis, respectivamente, pelo refeitório e pelo ambulatório do Sabin, para comentar os resultados.

VOCÊ COSTUMA TOMAR CAFÉ DA MANHÃ?

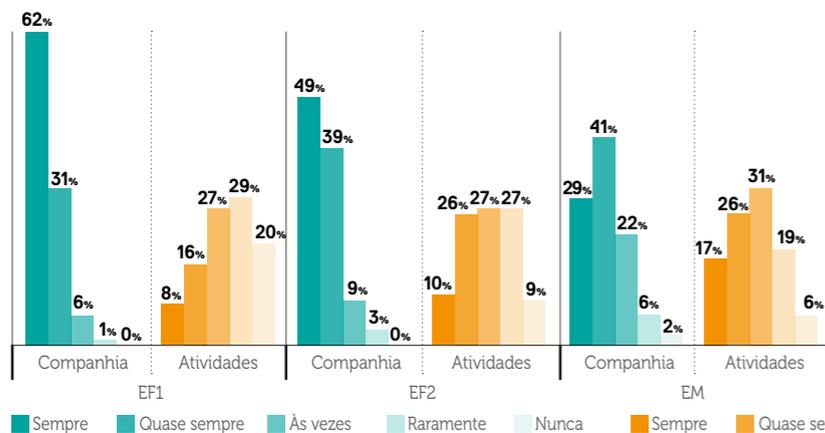


VOCÊ FAZ SUAS PRINCIPAIS REFEIÇÕES EM HORÁRIOS REGULARES?



EM RELAÇÃO ÀS PRINCIPAIS REFEIÇÕES DO DIA:

Você costuma ter companhia (amigos, familiares, colegas)?
Faz outras atividades enquanto come (estudo, TV, celular, etc.)?



Luciana: “São dois ótimos resultados: a grande maioria respeita uma regularidade de horários e consome café da manhã. Como a noite é o maior período em que ficamos em jejum, é muito importante, ao levantar, ter uma alimentação saudável, com leite, pão, frutas e proteínas.”

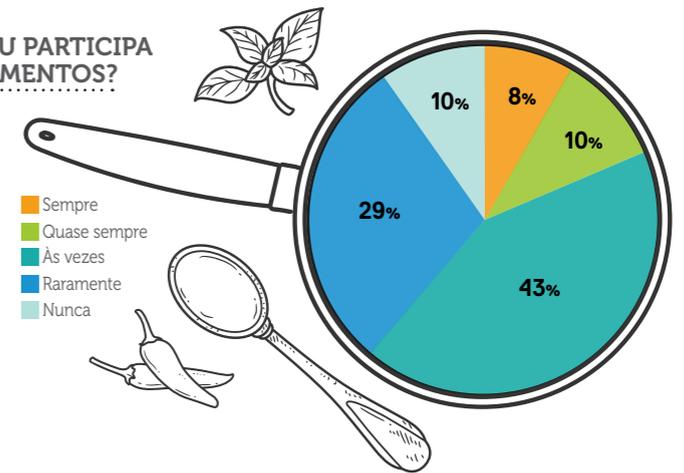
Ana Paula: “Os menores parecem ter uma rotina mais regular, talvez porque ainda estejam sob supervisão da família – o que já não acontece tanto com os adolescentes, e o café da manhã termina se perdendo. Isso tem efeitos reais sentidos no ambulatório: após 15 meses em casa, sem gastar energia, os alunos voltaram a fazer atividades físicas no Colégio, e estamos vendo muitos deles com queixa de mal-estar, porque não tomaram café da manhã. Essa refeição precisa acontecer.”

Luciana: “É ótimo que exista socialização à mesa, porém as distrações devem ser evitadas, pois temos de focar no consumo, nas quantidades que ingerimos, na divisão de porções, na boa mastigação, com tranquilidade.”

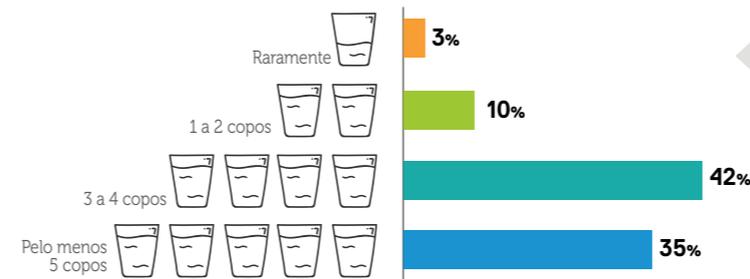
Ana Paula: “De fato, o cérebro precisa de um tempo para registrar que o corpo está se alimentando. Do contrário, podem se desencadear alguns distúrbios ou compulsões.”

NA SUA CASA, VOCÊ AJUDA OU PARTICIPA NO PREPARO DOS SEUS ALIMENTOS?

Luciana: “Tem um pessoal que participa da cozinha familiar, mas devemos estimular ainda mais essa atividade. Além de prazerosa, ela ajuda a promover uma alimentação saudável, com maior consumo de alimentos *in natura* ou minimamente processados e menor de ultraprocessados, que devem ser evitados.”



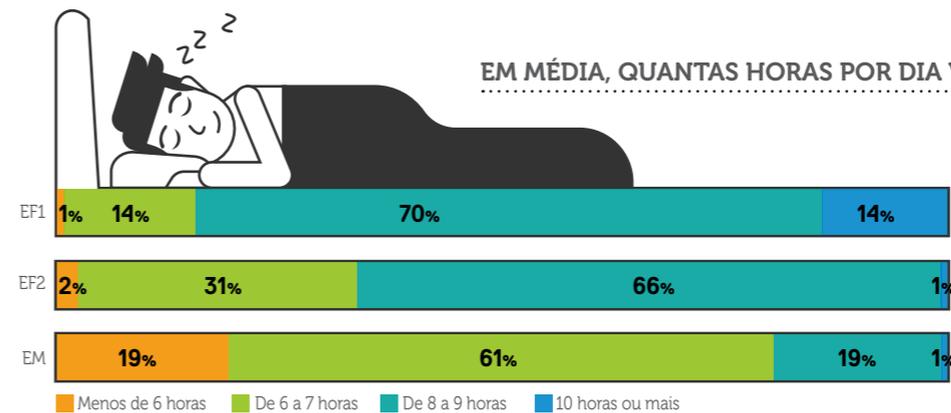
EM MÉDIA, QUANTOS COPOS DE ÁGUA VOCÊ BEBE POR DIA?



Luciana: “Os alunos estão bebendo água, mas muitos ainda não chegam no ideal de 2 litros por dia [aprox. 10 copos americanos]. Vamos tentar aumentar, todo dia, um copinho a mais.”

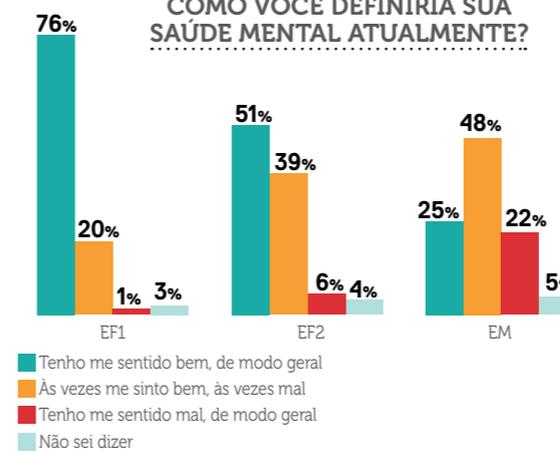
Ana Paula: “A pergunta não especifica o tamanho dos copos, o que daria uma ideia mais precisa. Mas, no geral, acho bom o resultado: as pessoas estão bebendo água, perceberam a importância da hidratação.”

EM MÉDIA, QUANTAS HORAS POR DIA VOCÊ DORME?



Ana Paula: “O sono se reflete diretamente na qualidade de vida, e os impactos da falta de sono são reais até para o aprendizado, afetando a concentração e a capacidade de absorção de informações.”

COMO VOCÊ DEFINIRIA SUA SAÚDE MENTAL ATUALMENTE?



Luciana: “A saúde mental está muito ligada à boa alimentação, ao sono e à atividade física. No geral, o sono e a alimentação dos alunos (exceto pelos ultraprocessados) estão adequados. Quanto às atividades físicas, o Ensino Médio parece estar com dificuldade. [N.E.: em outro item da pesquisa, não incluído nesta matéria, 43% dos alunos do Médio citaram falta de tempo para se exercitar mais.] É uma fase com mais preocupações, mas é preciso se cobrar menos e achar espaço não só para atividades físicas, como também para aquelas que dão prazer, como bordar, pintar, caminhar...”

Ana Paula: “Questões de saúde mental preocupam muito, porque não são palpáveis ou facilmente observáveis. Não são como uma fratura, que você identifica e logo sabe a conduta certa. Então, minha principal recomendação para qualquer aluno é o diálogo. Fale, não se sinta mal, calado. Só assim podemos pensar numa solução – até porque cada pessoa vai precisar de uma conduta distinta: alguns podem praticar mais atividades físicas, outros podem precisar de terapia. A chave é o diálogo.”

Borboletismo Por Ana Helena Masson

Quando eu era pequena e brincava no jardim da casa da família, meu avô capturava, com as mãos, uma borboleta. Pegava uma linha e amarrava uma ponta na patinha, e a outra, no meu braço. Ela ficava horas sob meu comando. Algumas das borboletas forçavam o fio na tentativa de escapar. Quando conseguiam, voltavam a voar livres, com uma pata a menos. Tornavam-se menos borboletas? Outras borboletas lutavam tanto contra a prisão que morriam ali mesmo.

Ninguém nunca se opôs àquela situação: afinal, eram só algumas borboletas.

Embora tenhamos crescido, alguns dos meus primos reproduzem, incansavelmente, a brincadeira. Outros se omitem; poucos a impedem. Nossa relação com as borboletas mudou. Não a ponto de entendermos, todos, que o que nos conecta é o direito à vida, independentemente das nossas naturezas, na Natureza. As borboletas, só nos reconheceremos quando formos capazes de não machucar, de não sermos omissos diante do sofrimento, e estivermos dispostos a professar que a mesma liberdade que buscamos é a liberdade do voo por inteiro, sem amarras, vitorioso, sem silêncios, legítimo, reconhecido, inquestionável.

Porcentagens Por Tiago Brancher

15%. Quinze por cento. Um leitor desavisado poderia pensar que se trata da alta da inflação, da variação do dólar ou talvez das chances de algum candidato para uma futura eleição. Mas trago uma notícia que pode ser surpreendente para alguns, indiferente para outros, mas particularmente triste para mim: é a porcentagem de mulheres no Congresso Nacional.

Naturalmente, eu poderia me estender, discorrendo sobre representatividade, sobre desigualdade de oportunidades ou ainda sobre o machismo estrutural

que permeia a nossa sociedade. Prefiro, no entanto, recorrer mais uma vez à matemática, já que hoje estou metido a porcentagens: em números absolutos, o Brasil é 52% composto de mulheres e 48% de homens.

Aliás, quase me esqueço de avisar ao leitor que não me refiro aos remotos tempos do colonialismo português, tampouco ao Brasil oitocentista e muito menos às previsões distópicas de algum escritor pessimista dos anos 1940. Refiro-me, sim, à realidade na sua forma mais atual, mais irônica, mais brasileira.

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO:



Ana Helena Masson, 2ª série A do Ensino Médio.



Tiago Brancher, 2ª série D do Ensino Médio.



Giovanni Antonio Tortorella, 2ª série D do Ensino Médio.



Daniela Ito Ferreira, 2ª série B do Ensino Médio.



Por Giovanni Antonio Tortorella

Para manter a cabeça erguida Por Daniela Ito Ferreira

And since we all came from a woman / Got our name from a woman and our game from a woman / I wonder why we take from our women / Why we rape our women, do we hate our women? / I think it's time to kill for our women / Time to heal our women, be real to our women / And if we don't we'll have a race of babies / That will hate the ladies, that make the babies / And since a man can't make one / He has no right to tell a woman when and where to create one (...)

Extraído da música *Keep Ya Head Up*, do falecido *rapper* americano 2Pac, o trecho acima explica, de uma maneira simples, o que o ciclo da sociedade patriarcal é: uma série de violências, imposições e inconsistências que culminam na participação das mulheres no próprio processo que as oprime. Não porque elas querem, mas porque elas são essenciais para a naturalização do ciclo; mulheres produzem os bebês, elas os criam e, como nunca tiveram acesso a outra realidade, na qual meninas tenham

a validação de ser e de se expressar, ensinam – junto à sociedade – que a misoginia é o que há, que o caminho no qual mulheres estejam sujeitas aos homens e a seus desejos é o certo. O feminismo, por sua vez, é aquilo que procura destruir tamanha crueldade.

Por definição, o feminismo é um movimento sociopolítico e filosófico, o qual defende a igualdade entre homens e mulheres. Ele se opõe a uma série de normas e modelos estabelecidos pelo patriarcado ao longo dos séculos, com o intuito de subjugar o sexo feminino. Alguns dos artifícios utilizados são os padrões de beleza e a educação dada às meninas, que intencionalmente as colocam em caixas de expectativas e estereótipos, podando a liberdade de escolha, a possibilidade de futuros alternativos – que não aqueles tradicionalmente associados às mulheres – e a confiança em si mesmas.

A maioria das mulheres cresceram brincando com bonecas, usando vestidos, aprendendo a cozinhar e

limpar, para que eventualmente casem e tenham filhos. É esperado que elas sejam “femininas” e que permaneçam submissas aos homens a sua volta. Meninas que questionam, que são expressivas, que não seguem todos os padrões de feminilidade, que no geral enfrentam – mesmo inconscientemente – os padrões machistas são rotuladas de chatas, loucas, inconvenientes e mais centenas de adjetivos usados especialmente para diminuí-las e manter o ciclo. O feminismo valida essas meninas, ele finalmente esclarece o porquê do tratamento injusto. É uma forma de libertar e empoderar, de fornecer os recursos para que mulheres construam sua personalidade expressiva, sua confiança e sua autoestima.

O movimento é essencial para uma sociedade mais justa, na qual mulheres tenham a mesma liberdade, concedida aos homens por séculos, de ser e de se expressar. É uma luta que tem o objetivo de dar o protagonismo da vida das mulheres para elas mesmas.

Olhar solidário

Integrante do Departamento de Marketing, Patrícia Martins idealiza e coordena a maioria das ações sociais do grupo Godoi Educacional.

Olhar: essa é uma palavra que Patrícia Martins usa muito. O olhar está em seu discurso e orienta suas ações. É ao olhar que ela recorre para explicar o que faz no grupo Godoi Educacional, como profissional do Marketing à frente das ações sociais dos colégios Sabin, AB Sabin e Vital Brazil, e também como madrinha do curso de Voluntariado do Sabin+Esportes&Cultura. Um olhar voltado para o outro, que estabelece a empatia, enxerga as necessidades – e descobre as oportunidades de ajudar.

De origem portuguesa, sua família migrou para o Brasil nos anos 1960, depois de ter fugido da repressão política em razão da militância do avô, Mário Tavares. “Dizem que tenho muito dele. Sua história me ensinou que todos somos iguais e que é preciso garantir a liberdade das pessoas”, diz ela.

Seu maior e mais direto exemplo, no entanto, é a mãe, Casimira. Há 23 anos, Casimira atua como voluntária da AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente), instituição que conheceu devido aos cuidados com o irmão, Lalinho, atendido ali. “Além do trabalho na AACD, minha mãe é aquela pessoa conhecida no bairro que acolhe, ajuda e cuida do outro. Essa doação é uma coisa quase espiritual. Ela precisa disso para viver”.

Além dos exemplos familiares, o “olhar solidário” de Patrícia foi lapidado a partir dos 9 anos, quando entrou para o escotismo. A jovem escoteira não se destacava pela habilidade em fazer nós, acender fogueira sem fósforos ou coisas do gênero, mas pelo que hoje chamamos de habilidades socioemocionais. Era a figura conselheira, amiga, sempre disposta a ajudar.

Com 19 anos, deixou o escotismo e foi estudar Rádio e TV na Faculdade São Judas, mas sem abandonar o voluntariado, envolvendo-se em atividades comunitárias promovidas pela faculdade. Mais adiante, seu perfil comunicativo a faria trocar um cargo de gerente em banco, com um bom salário, por um estágio na TV Gazeta (então CNT). Em poucos meses, estava contratada. “Foram anos em que pequei bastante”, brinca Patrícia, que trabalhou como produ-



Hoje no Marketing do Sabin, Patrícia já foi de escoteira a produtora de TV, sempre disseminando solidariedade.

tora para apresentadores como Ratinho, Márcia Goldschmidt, Sérgio Mallandro e Gugu, entre outros.

Anos depois, cansada da instabilidade e do ritmo frenético da TV, ela conseguiu vaga no recém-criado departamento de sustentabilidade da Odontoprev. O auge dessa experiência foi quando organizou a visita de um grupo de dentistas e profissionais de saúde bucal a favelas cariocas, logo após a cidade ter sediado os Jogos Pan-Americanos, em 2007. “Foi muito forte conhecer a realidade dos morros. É chocante estar diante de tanta necessidade e, muitas vezes, poder fazer pouco”.

Há cerca de 10 anos, grávida, trocou aquele trabalho por uma vaga no time de Marketing do Sabin, para cuidar das redes sociais do Colégio. Não demoraria, porém, para Patrícia se transformar, ela própria, numa espécie de rede social solidária, que idealiza e coordena a maioria das ações de impacto social dos três colégios do grupo, como as campanhas anuais de doações de leite em pó, nas festas juninas, ou o Prêmio Impacta Sabin, em 2018.